

Condensações de artigos de interesse permanente

Copyright © 1970 da Editora Ypiranga S. A.



S.O.S. em Block Island

FLOYD MILLER

Examinando os rochedos agrestes e os mares bravios, os ilhéus tinham certeza só de uma coisa: as crianças seriam encontradas vivas—ou não seriam encontradas

O APITO PROLONGADO podia ser ouvido de uma a outra extremidade de Block Island—11 quilômetros de norte a sul, seis quilômetros no ponto mais largo. Os veranistas—nadando, pescando na rebentação, passeando de barco—quase não o perceberam, mas os ilhéus sabiam que o apito era um grito de socorro, um apêlo ao Esquadrão de Salvamento Voluntário de Block Island.

Era na tarde de 4 de agosto de

1969 e o Sol brilhava pela primeira vez na semana. Depois dos longos dias de nevoeiro, vento e chuva, encharcada mas refrescada a ilha começou a brilhar—uma pequena jóia verde engastada no Atlântico ao largo de Rhode Island, na entrada leste do Estreito de Long Island. Centenas de visitantes deixavam os hotéis e pensões para aproveitar afinal a areia e o mar.

A família Kramek tinha saído de seu chalé alugado por volta das

14h 15min e, por insistência de Diane, a filha de 18 anos, dirigiu-se para o norte, para Cow Cove. Cow Cove é uma enseada rochosa na extremidade norte da ilha, marcada pelas intempéries, lugar de uma beleza sombria habitado pelas gaiotas e os espíritos de marinheiros afogados. Naquele litoral agreste há um farol de pedra e concreto que lembra bastante uma austera igreja com uma luz automática no campanário. Logo ao norte da luz a ilha se estreita numa ponta arenosa de 15 metros de largura, chamada Sandy Point, a qual continua debaixo da água e forma o traiçoeiro Recife Norte de Block Island. Era para ali que Diane queria ir.

A anotação em seu diário no dia 3 de agosto diz: "Amanhã vou passar o dia em Sandy Point. Pretendo construir uma casa ali; é um lugar perfeito para uma lua-de-mel."

Areias Vazias. Perto do farol, Stanley Kramek, major reformado dos fuzileiros navais, começou a pescar na rebentação. A esposa dele, Gudrun, uma bonita mulher que estava convalescendo de uma operação nos quadris, armou um cavalete e começou a desenhar. O filho de 13 anos, Stephen, e seu amigo e hóspede Matthew Hikel, de 12 anos, foram explorar para os lados de oeste. Diane dirigiu-se para o norte e abancou-se em cima de uma duna junto ao farol. Eram 2h 30min da tarde.

Depois de uma hora e 15 minutos, quando Stanley estava puxando

seu primeiro peixe, um cação, a mulher chamou assustada: "Estou ouvindo Stephen gritar!"

Ele apurou o ouvido e só ouviu a rebentação, mas Gudrun ouviu mais alguma coisa. "É Stephen e aconteceu alguma coisa grave!", exclamou ela.

E então Stanley viu o filho. Stephen tinha corrido pelas dunas, desde o farol; cambaleava de exaustão e estava histérico.

Gudrun viu o marido alcançar Stephen no momento em que este caía de joelhos, o rosto banhado em lágrimas. Stanley voltou correndo, o rosto rígido e pálido. Um casal estava num carro parado perto dali apreciando a vista. Stanley gritou para eles: "Duas crianças foram arrastadas para o mar ali na ponta! Peçam socorro!"

O carro partiu depressa e Kramek foi para a ponta, caminhando aos tropeções pela "estrada" entre as dunas, onde a areia seca e profunda prendia seus pés. Conseguiu passar pelo farol e chegou à areia firme e úmida da ponta. Os rugidos do vento e do mar eram cortados pelos gritos agudos das gaiotas sobre sua cabeça. À direita e à esquerda era a rebentação, e diante dele estava o recife. Não havia mais nada.

Paradoxalmente o próprio vazio do lugar lhe deu um momento de esperança, pois não havia sinais de que Diane e Matthew tivessem estado ali. Então viu um montinho de algodão azul, a camisa que Diane tinha pôsto por cima do maiô. Junto



da camisa estavam as marcas de seus pés descalços indo em direção ao mar.

“**Possível Afogamento...**” Quando soou o apito de emergência, os 20 voluntários do Esquadrão de Salvamento entraram em ação. Eram comerciantes, carpinteiros, pescadores, trabalhadores na usina de força e na manutenção das estradas—todos unidos por rádio de ondas curtas em suas casas e carros. Charles Conley, homem curtido de seus 55 anos, capitão do Esquadrão, acabava de chegar a casa do trabalho quando a voz do despachante soou em seu rádio: “Possível afogamento em Sandy Point.” A mulher de Conley estava à porta dos fundos e êle gritou para ela: “Ligue para a Guarda Costeira.” Virou o carro e rumou para o norte.

Doze minutos depois do alarma Conley e vários outros ilhéus tinham-se juntado à figura solitária

de Stanley Kramek em Sandy Point. A um observador distraído a cena poderia não parecer sinistra. O mar estava calmo, o céu límpido. Mas Conley conhecia bem o lugar, e naquele momento estava assustado. Uma forte preamar varre as vastas águas do Estreito de Long Island em Sandy Point para o leste, para o Atlântico; nenhum nadador jamais tinha conseguido vencê-la. Começando a procurar com seu binóculo, tinha certeza de uma coisa: encontrariam as crianças vivas ou não as encontrariam. O mar nunca devolve os que leva para leste.

A Maré Vira. Devagar, desconexamente, o pequeno Stephen Kramek contou sua história à mãe. “Matt e eu estávamos explorando”, disse êle, “e vimos Diane sentada numa duna; perguntamos se queria ir procurar destroços no mar e ela disse que sim. Ela queria pedaços

esquisitos para fazer arranjos com flôres.”

Dali a pouco os três chegaram à ponta, onde a areia era dura e conduzia à água num declive bem suave. “Resolvemos andar dentro da água”, disse Stephen. “Papai tínhamos dito para não nadarmos e nós não pretendíamos fazê-lo; só queríamos andar dentro da água. Chegamos até aonde a água nos batia nos joelhos, e aquilo nos deu uma sensação esquisita. As ondas vinham de dois lados e nos levantavam alguns centímetros do fundo e depois nos largavam, muito suavemente. Era uma delícia; como se andássemos na Lua. Entramos mais um pouquinho, até que a água nos chegou à cintura, e fomos levantados bem alto, e Diane disse que era melhor voltarmos para a praia.”

A onda seguinte levantou-os mais alto e, quando os largou, não tinham nada sob os pés e estavam nadando. Matthew Hikel era pequeno, e os irmãos Kramek puseram-no entre eles e tentaram voltar para a praia em fila. Stephen na frente. Gritando para encorajá-los, Diane empurrou os meninos para a frente um metro, dois metros, três. De repente, Stephen sentiu pedras debaixo dos pés. Avançou aos tropeções e alcançou a areia, depois virou-se para ajudar os outros. Naquele instante a maré colheu Diane e Matthew e carregou-os para o mar.

Stephen gritou:

—Diane! Você pode voltar! Matt! Nadem!

Ele começou a voltar para dentro da água, mas Diane gritou-lhe:

—Volte! Vá dizer a papai. Depressa, Steve . . . vá buscar socorro!

Ele virou-se e correu.

A Longa Vigília. Várias pessoas se tinham juntado ali, talvez umas 50, ilhéus que sabiam o que significava o apito. Não havia o ar de feira como tantas vezes se vê em desastres em terra. Aquêles homens e mulheres de rostos simples, nascidos de marinheiros e pescadores, tinham estado ali antes, assim como seus antepassados.

Houve um suspiro coletivo quando o grupo viu a silhueta baixa e cinza de um barco da Guarda Costeira aparecer além das águas turbulentas do recife. O barco começou um giro lento pelo lado oeste de Sandy Point e desapareceu de vista. Dez minutos depois reapareceu, tornando-se evidente que a busca tinha sido infrutífera. O capitão Conley fêz-lhe sinal para que seguisse para leste, ele passou por uma abertura nos recifes e começou a procurar ao largo da linha da costa de Cow Cove.

Nessa altura as crianças já estavam na água havia quase hora e meia, e após o breve raio de esperança quando viu o barco da Guarda Costeira, Gudrun sentiu que ia se desesperar. Começou a murmurar o nome da filha. “Diane . . . Diane . . . ó minha menina de ouro.” Para Gudrun parecia que Diane, no limiar de tantas maravilhas, merecia uma oportunidade na vida. Ser roubada disso agora era uma injustiça incrível.

Stanley Kramek também começou a desesperar-se. Diane nadava bem, e êle sabia que, se ela só tivesse de tratar de si, poderia sobreviver à maré e, com o tempo, voltar para a praia. Mas como poderia salvar-se a si mesma e a Matthew? Êle sabia que ela não abandonaria o menino.

O nevoeiro começou a avançar para o norte, sôbre a ilha, pesado e rápido. Cow Cove adquiria um aspecto pálido e opaco. Conley trocou olhares significativos com seus companheiros. Se a Guarda Costeira não encontrasse as crianças nos próximos 10 minutos, era melhor que o barco voltasse para sua base.

Mar Salgado, Lágrimas Salgadas. Seguindo para sudeste a meia velocidade, o barco, comandado por Robert Widerman, voltou-se devagar. Da praia pareceu que êle parava por um minuto, balançando nas cristas das ondas, depois dirigiu-se para um ponto a uns 500 metros da praia. Ali parou os motores e virou a proa para o vento.

Certo de que alguma coisa havia sido encontrada na água, o grupo na praia aglomerou-se em volta da ambulância do Esquadrão de Salvamento para ouvir o rádio. Ouviram uma voz que chegava com um rumor metálico, entrecortada pela estática. "Resgatamos . . . pessoa . . . Vamos para Old Harbor."

Quando a voz silenciou, viu-se o barco rumar para o sul a tôda a velocidade. A ambulância partiu para Old Harbor, a seis e meio quilômetros dali. Gudrun e Stanley Kramek

seguiram-na, quase sem falar, procurando algum significado nas palavras que tinham ouvido. Será que a gente "salva" uma pessoa viva, mas "resgata" uma morta? E teria o homem dito "pessoas"?

Quando chegaram na baía, o barco da Guarda Costeira já estava lá. Stanley correu para o cais, abrindo caminho por entre a multidão. "Por favor", gritava êle, "por favor, deixem-me passar!" No convés da pôpa do barco êle viu duas figurinhas enroladas em mantas. Estavam sentadas, estavam vivas! Sorriam para êle, chorando e rindo ao mesmo tempo. E êle também.

A enfermeira do Esquadrão de Salvamento verificou a pressão arterial dos garotos, o pulso, deu-lhes oxigênio e declarou que estavam em condições de deixar o barco. Quando a família desembarcou, o povo aplaudiu. Muitos tinham lágrimas nos olhos e estenderam as mãos para tocá-los quando passaram. "Nós rezamos por vocês", disseram alguns.

De volta ao chalé, sãos e salvos, os Kramek riam, falavam, tocavam-se uns nos outros, inebriados com o fato de a família estar completa. Diane, com os olhos pardos e francos e a serenidade da mãe, com a resolução do pai para enfrentar uma tarefa, e com a sua própria meiguice—era olhada pelos pais com uma nova compreensão.

—Eu sabia que Stephen tinha conseguido auxílio—disse-lhes Diane—porque vi todos aquêles homens em Sandy Point, e disse a Matt que

em pouco tempo um barco viria buscar-nos. Fiz Matt ficar nas minhas costas enquanto eu nadava de peito a maior parte do tempo, mas, quando êle sentia frio, eu o fazia nadar sòzinho um pouco para restabelecer a circulação. Êle foi muito bonzinho, fazia o que eu mandava e não reclamou nem uma vez.

Matthew, o rosto avermelhado pela emoção de uma aventura que terminou bem, disse:

—Nós conversávamos e Diane me contava piadas e me perguntou se eu conhecia a canção 'True Grit' (Coragem Verdadeira), mas eu não conhecia. Ela me chamava de 'Matt, Matt, o rato-de água', e eu fingia que estava zangado. Às vêzes ela virava e nadava de costas, enquanto eu descansava na barriga dela e a segurava pela cintura. Eu batia os pés com fôrça para não afundarmos.

—Eu fiquei preocupada com o nevoeiro—confessou Diane.—Cada vez que uma onda nos levantava, eu rezava para poder ver o farol. Eu sempre podia, mas cada vez ficava mais vago. Quando vimos o barco da Guarda Costeira, Matt e eu agitamos os braços e gritamos, mas êles passaram sem nos ver. Aquê-le foi o pior momento de todos. Mas depois êles nos viram.

Algumas Palavras Broncas. De tardinha, naquele dia, Kramek saiu do chalé, dizendo que ia dar um passeio a pé. Dali a algumas centenas de metros chegou à Prefeitura, prèdiozinho de madeira onde se estava realizando a assembléia normal do

Conselho Municipal. Kramek entrou na sala apinhada e sentou-se nos fundos. Sentia-se um intruso, mas tinha ido fazer um discurso curto e pediu a palavra. Quando abriu a bôca só pôde exprimir seus pensamentos nas palavras mais broncas.

“Meu nome é Stanley Kramek, e já há uns dois anos que trago minha família para passar as férias na ilha de vocês. Hoje minha filha e um amiguinho de meu filho foram colhidos pela maré e carregados para o mar. Sem a ação pronta de seu Esquadrão de Salvamento e da Guarda Costeira eu teria perdido minha filha e o menino. O que eu quero dizer é . . . do fundo do coração . . .” A voz dêle falhou e seu rosto ficou vermelho do esfôrço que fêz para continuar. Pigarreou e disse: “Do fundo do coração eu lhes agradeço.” E saiu depressa do prèdio.

Os ilhéus muitas vêzes falam de Diane Kramek. Robert Widerman, da Guarda Costeira, diz: “Quando o meu barco chegou até aonde ela estava, ela tinha sustentado aquêle garôto nas costas durante uma hora e meia, mas não estava aterrada. Ela nos deu um largo sorriso. Já salvei muita gente no mar, mas ninguém como ela.” O Capitão Conley, do Esquadrão de Salvamento, acrescenta: “Ela é a môça mais corajosa que já vi.”

Assim se pensará durante muito tempo, antes que Block Island se esqueça de Diane Kramek. E muito tempo antes que a família Kramek se esqueça da gente de Block Island.